

## OS PAPÉIS TEMÁTICOS DAS CONSTRUÇÕES MEDIAIS

Nádia Maria Silveira Costa de MELO<sup>1</sup> - UFRN-UERN  
Antonia Clayse-Anne de Medeiros VIEIRA<sup>2</sup> -UERN-PIBIC

**RESUMO:** Este trabalho consiste na análise dos papéis temáticos (CROFT, 1991) de construções mediais e sua aplicabilidade em sala de aula. As amostras provêm de textos reais da modalidade falada e escrita em língua portuguesa. Por construção medial concebe-se o pareamento entre forma e função” (GOLDBERG, 2006) de uma estrutura que apresenta predicado ativo e argumento externo como fonte e alvo da ação expressa. Nesse sentido, sugere-se que este enfoque semântico seja adotado na sala de aula de língua portuguesa como forma de tornar o ensino mais consistente e produtivo.

Palavras-chave: Construções mediais. Estrutura argumental. Papéis temáticos.

**ABSTRACT:** This work is the analysis of thematic roles (Croft, 1991) of medial structures and their applicability in the class room. The samples are from actual texts of the modality in spoken and written English language. Medial design is conceived pairing of form and function "(GOLDBERG, 2006) a structure which presents predicate and active external argument as the source and target of the action expressed. In this sense, it is suggested that this semantic approach is adopted in the classroom of English as a way to make teaching more consistently productive.

Keywords: Medial constructions. Argument structure. Thematic roles.

### 1 Introdução

A Gramática Tradicional (GT) de língua portuguesa vista ao longo do tempo como a descrição que abarcava os usos existentes na língua, perdeu esse status com o advento da Linguística pragmática. A partir dessa nova postura teórica, ficou evidente que a língua não é homogênea, imutável e única, mas que segue uma sutil (muitas vezes) e progressiva mudança em todos os seus níveis de uso. Essa descoberta implicou a necessidade de rever alguns conceitos que embasavam o ensino-aprendizagem de língua materna. A revisão provocou mudanças no enfoque da língua em sala de aula. Uma das questões abordadas, diz respeito a ausência na GT de uma descrição linguística que contemplasse as construções da língua.

Além dessa lacuna, ainda observou-se que as estruturas verbais eram classificadas restritamente a uma ótica formalista dual que as concebe como ativas ou passivas. Entre os dois extremos, encontramos ainda a construção reflexiva indicadora de uma ação verbal que não transita a outro ser, negando, assim, a transitividade. Nessa perspectiva qualquer sentença produzida pelos usuários da língua será incluída em alguma dessas categorias, gerando uma polêmica, pois nem sempre essas classificações darão conta das realizações linguísticas dos usuários da língua. É, portanto, necessário um tratamento que preencha essas lacunas, pois, há, claramente, algumas construções que não podem ser analisadas como pertencente a nenhuma dessas classificações tradicionais.

Uma abordagem que vise a descrever a língua tanto em seus aspectos formais quanto funcionais poderá reconhecer que há outra(s) construção(ões) que parece(m) ficar entre os polos já estabelecidos, em outras palavras não são nem ativas nem passivas, ou ainda, reflexivas. Seria reconhecer o uso de construções mediais na língua portuguesa. Sendo assim, este projeto pretende fazer um estudo sobre essas construções na fala e na escrita da língua portuguesa, buscando, assim, identificar as suas especificidades, tais como: os papéis temáticos que as envolvem, os argumentos que lhes são obrigatórios e os que são periféricos, a sua ocorrência e frequência, a sua produtividade *type* e *token* e a motivação para o seu uso na língua portuguesa. Nesse sentido corroboramos a reivindicação para a Gramática de Construções, feita por Salim e Salomão, *o estatuto de uma teoria da gramática capaz de encarar o desafio de descrever “todas as construções de uma*

---

<sup>1</sup> Contato: [solinadia@bol.com.br](mailto:solinadia@bol.com.br)

<sup>2</sup> Contato: [claysemedeiros@hotmail.com](mailto:claysemedeiros@hotmail.com)

língua”, inclusive aquelas consideradas periféricas e deixadas fora da agenda analítica dos modelos teóricos formalistas(2009, p. 11).

O referencial teórico que ancora este trabalho provém da linguística cognitivo-funcional (LAKOFF, JOHNSON, GIVÓN, HOPPER, THOMPSON entre outros), que tem como critério observar, descrever e analisar a língua em uso real a partir de fatores sociais gerados nos mais variados contextos discursivos. A priori serão adotadas as concepções de construções provenientes dos postulados de Fillmore (1988); Fillmore e Kay(1995) e de Goldberg(1995) que as trata como unidades básicas da gramática; e, para medialidade, a sugerida por Kemmer (1998, 2003) para quem a categoria denota uma entidade inseparável dos papéis de agente e simultaneamente de experienciador de uma entidade afetada.

Trata-se de uma pesquisa estritamente sincrônica, podendo haver considerações de ordem diacrônica. Os dados utilizados para a análise destes componentes foram coletados do **Corpus Discurso & Gramática**: a língua falada e escrita em Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). Um banco de amostras da língua em uso em contexto real de comunicação. Nesse trabalho nos detivemos a coletar dados de três informantes do ensino superior, na modalidade escrita e falada, nos cinco tipos textuais, do banco(relato de opinião, relato de procedimento, narrativa de experiência pessoa, descrição de local e narrativa recontada). Como resultado, a princípio, obtemos uma descrição mais clara acerca da realização das construções mediais em língua portuguesa.

## 2 O cognitivismo-Funcional: a âncora

O aporte teórico desta pesquisa sinaliza uma tendência inovadora, principalmente no Brasil, no âmbito de estudos da linguagem, cujo enfoque é fazer uma fusão entre duas teorias. É uma tendência que consiste em aliar os pressupostos teóricos da Linguística Sociocognitiva com os da Linguística Funcional norte-americana. Ambas apresentam conceitos teóricos semelhantes quanto à concepção de língua, objeto de estudo entre outros. Heyvaert (2003) afirma ser interessante a combinação dessas abordagens por viabilizar um entendimento mais profundo do fenômeno que se pretenda estudar. Assim nos ancoramos no que ora se denomina de cognitivismo-funcional (cf. TOMASELLO, 1998, 2003 *apud* FURTADO DA CUNHA e NOGUEIRA, 2008, p. 72).

### 2.1 pressupostos cognitivo-funcionais

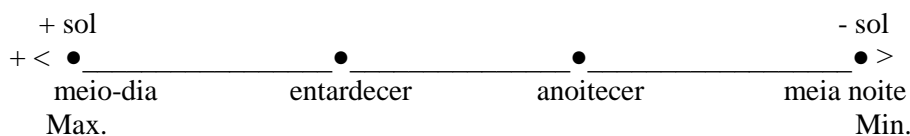
Numa abordagem cognitivo-funcional, os fenômenos analisados sob a perspectiva da gramaticalização são considerados como essencialmente gradientes e variáveis. A linguagem constitui, assim, um dispositivo para a construção do conhecimento, um instrumento cognitivo que aciona um conjunto de princípios relativamente limitados, operando sobre os conhecimentos armazenados na memória ou presentes na interação.

Para uma melhor sistematização iremos apresentar os principais postulados de cada teoria: Funcionalismo e Cognitivismo. Priorizaremos os que são pertinentes ao presente trabalho. Quais sejam: a teoria dos protótipos e a transitividade.

A teoria dos protótipos aponta em seu limiar George Lakoff, Johnson dentre outros. Seu objetivo principal delinea a explicação do fenômeno da categorização, conceito essencial para as ciências cognitivas. Seu ponto de partida sinaliza a rejeição da idéia de existir um conjunto de atributos sêmicos comuns a todos os membros de uma categoria. Assim, a categorização do mundo que nos cerca não se faz por exclusão de traços que separam os membros de uma categoria, mas pelo reconhecimento dos traços que podem aproximá-los, isto é, aquilo que Wittgenstein designou por "semelhanças de família":

Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão “semelhança de família”[familienähnlichkeiten]; pois é assim como se superpõem e entrecruzam as diversa semelhanças que ocorrem entre membros de uma família: estatura, cor dos olhos, andar, temperamento etc. Assim, podemos dizer: os jogos compõem uma família(WITTGENSTEIN, 1953 *apud* SARAIVA, 2008, p. 48).

Para ilustrar, respondamos a questão: o que difere o dia da noite? Ou, que etapa do dia representaria melhor o dia e qual a noite? Notemos que alguns momentos serão bem mais prototípico que outros. Há etapas que parece haver traços dos dois simultaneamente. Vejamos, o entardecer ou o amanhecer, ambos estão nas fronteiras entre o dia e a noite; ambos guardam traços dos dois momentos. Se fizermos uma escala veremos que há uma gradualidade, ou seja, entre os pólos dia e noite há outros momentos que não podemos ignorar. Observemos isso numa escala que represente o dia:

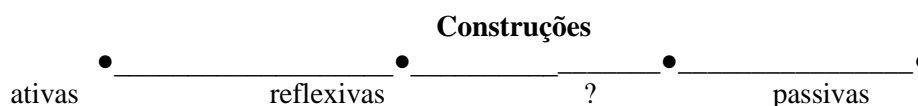


No mapa, as categorias meio-dia e meia-noite estão situadas nas extremidades da escala, representando as etapas mais prototípicas para dia e noite. Entre esses pólos temos o entardecer, o anoitecer; por outro lado, ainda, a madrugada e a manhã. São as categorias intermediárias. Nelas há resquícios de ambos momentos. O que nos permite afirmar que tarde não seja categorizada nem dia nem noite, mas que guarda traços de ambos; nessa categorização, então, tarde representa uma classificação marginal. Ou que meio-dia é o momento mais central, por isso, prototípico para dia. É isso que apregoa o princípio da prototipicidade.

Nesse sentido, não há uma fronteira nítida que separe categoricamente uma etapa de outra. De certa forma, elas estão unidas em um contínuo em que são categorizadas com base em um conjunto de atributos que convergem para uma escala gradual de tipicidade dentro de um paradigma geral. Assim, ocorre que determinadas categorias não são fáceis de categorizá-las, por possuírem atributos semelhantes e díspares entre si, de modo a tornar difícil estabelecer uma diferença entre elas. Para citar um exemplo clássico, vejamos o caso de morcego, mesmo possuindo o traço “voar” característico dos pássaros, não pode ser classificado como ave. Já um pato, uma galinha, um peru, entre outros, mesmo não possuindo o traço “voar” são categorizados como aves; nesse sentido, teríamos pato, galinha e peru como categorias centrais, já morcego como marginal..

Como se vê, nesses casos, as categorias apresentam limites fluidos. O que nos dá indícios da existência de categorias mais representativas dentro de uma categoria determinada, ou seja, mais prototípica, por elencar mais atributos que se aproximam do protótipo dentro do contexto de sua realização. Ainda é pertinente lembrar que uma categoria pode se apresentar mais prototípica em um contexto e não o ser em outro.

A partir da escala proposta, podemos afirmar que as construções mediais representam uma categoria semântica intermediária entre as construções prototipicamente ativas ou as passivas. Na primeira, temos verbo dinâmico com argumentos ( externo e interno) e dois papéis temáticos (por exemplo, um agente e um afetado); e, na segunda, há dois argumentos e dois papéis temáticos (paciente e agente). Mas há construções que não podem ser classificadas como tais. Pois não há o pareamento entre forma e sentido que sinalize essas construções. Como pode ser ilustrado no mapa a seguir:



O posicionamento intermediário das construções reflexivas e das mediais nessa escala nos permite observar a existência de traços tanto da situação ativa quanto da passiva. Nessa escala, há uma lacuna que de acordo com a proposta de Kemmer (1998, p. 109) seria a das construções mediais.

No mapa, as categorias ativas e as passivas estão situadas nas extremidades da escala, já as reflexivas e as médias em posição intermediária. Observamos nele que o evento médio é semanticamente mais distante das ativas e mais próximo do protótipo das passivas, por exemplo. O que nos permite dizer que é +passiva e - ativa, ou ainda, + reflexiva e - ativa.

A transitividade refere-se segundo Furtado da Cunha (2007) “a transferência de uma atividade de um agente para um paciente”. De modo, que a transitividade não está concentrada apenas no verbo, como afirma as gramáticas tradicionais, mas percorre toda a estrutura argumental da construção, mantendo estreitas relações do predicado com seus argumentos internos e externos. Além disso, há um pareamento sintático-semântico caracterizando a transitividade. Isso quer dizer que há, numa oração, a evidência de pelo menos dois participantes para caracterizar a transitividade (sujeito e objeto/ agente e paciente). E dentro dos traços semânticos fortemente atribuídos numa oração é gerado “o evento transitivo prototípico do agente, paciente e verbo na oração-evento” (FURTADO DA CUNHA e TAVARES, 2007, p. 27).

Assim, a transitividade é vista a partir de uma escala de gradiência. Desta forma, o grau máximo alcançado na escala determina o protótipo de um evento transitivo e o menor grau sinaliza o afastamento do padrão prototípico. Para tanto, é preciso uma correlação entre estes elementos que envolva traços como um

agentividade e intencionalidade do sujeito, objeto como paciente concreto e afetado e um evento pontual (FURTADO DA CUNHA e TAVARES, 2007, p. 27).

A noção de transitividade, vista a partir da perspectiva funcionalista, segundo Furtado da Cunha (2007) “é fundamental para o entendimento de como a gramática do verbo e seus argumentos se manifesta em textos reais produzidos em situações de comunicação”. Neste modelo, podemos também examinar a transitividade a partir de propostas atribuídas por Givón e Hopper e Thompson. Esses funcionalistas fazem uma abordagem bastante significativa com respeito a transitividade dos verbos e das orações.

Adotando aqui a abordagem de Hopper e Thompson (1980), que definem a noção de transitividade como sendo contínua, escalar, não categórica, ou seja, sujeito, verbo e objeto, são categorias em que a transitividade independe da ocorrência desses elementos para ser concretizada numa oração. Assim, a transitividade é vista como:

“um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração. Embora independentes, os dez traços da transitividade funcionam juntos e articulados na língua, o que significa que nenhum deles sozinho é suficiente para determinar a transitividade de uma oração” (FURTADO DA CUNHA, 2007, p.37).

Para tanto é proposto o seguinte quadro:

**Quadro 1: Parâmetros da transitividade**

PARÂMETROS	TRANSITIVIDADE ALTA	TRANSITIVIDADE BAIXA
1. Participantes	dois ou mais	Um
2. Cinese	ação	não-ação
3. Aspecto do verbo	perfectivo	não-perfectivo
4. Pontualidade do verbo	pontual	não-pontual
5. Intencionalidade do sujeito	intencional	não-intencional
6. Polaridade da oração	afirmativa	negativa
7. Modalidade da oração	modo realis	modo-irrealis
8. Agentividade do sujeito	agentivo	não-agentivo
9. Afetamento do objeto	afetado	não-afetado
10. Individuação do objeto	individuado	não-individuado

Fonte: Furtado da Cunha (2007, p. 37)

Os componentes acima apresentados representam características específicas que difere de um para outro, revelando, cada elemento, a eficácia ou a intensidade “com que a ação é transferida de um participante a outro” (FURTADO DA CUNHA, 2007, p. 37), a saber:

**Quadro 2: Parâmetros da transitividade exemplificado**

PARAMETROS	EXEMPLOS	TRANSITIVIDADE ALTA	TRANSITIVIDADE BAIXA
Participantes	(1) Pedro obedece ao pai. (2) Pedro dorme muito.	(1) Dois participantes	(2) Um
Cinese	(3) Marcos beijou Brena. (4) Ana ficou triste.	(3) ação	(4) não-ação
Aspecto do verbo	(5) João comeu a macarronada. (6) João degustava os doces.	(5) perfectivo	(6) não-perfectivo
Pontualidade do verbo	(7) Sérgio chutou a menina. (8) A menina foi carregada por Sérgio.	(7) pontual	(8) não-pontual
Intencionalidade do sujeito	(9) José foi visitar Maria. (10) Maria cortou o dedo.	(9) intencional	(10) não-intencional
Polaridade da oração	(11) Eu comi o chocolate. (12) Pedro não comeu o bolo.	(11) afirmativa	(12) negativa

Modalidade da oração	(13) Silvia fez o pedido da compra de sapatos. (14) Augusto vai comprar um carro.	(13) modo realis	(14) modo irrealis
Agentividade do sujeito	(15) João me assustou. (16) O filme me assustou.	(15) agentivo	(16) não-agentivo
Afetamento do objeto	(17) Maria comeu o chocolate todo. (18) Maria tomou um pouco de café.	(17) afetado	(18) não-afetado
Individuação do objeto	Proposta no quadro 3		

Fonte: adaptação de Furtado da Cunha (2007)

A explicação para individuação do objeto encontra-se no quadro abaixo proposto por Furtado da Cunha (2007, p. 39);

**Quadro 3: Propriedades da Individuação**

INDIVIDUADO	NÃO-INDIVIDUADO
próprio	Comum
humano, animado	inanimado
concreto	abstrato
singular	plural
contável	incontável
referencial, definido	não-referencial

De acordo com a autora, este tipo de parâmetro pode referir-se “tanto ao fato de o paciente ser distinto do agente quanto à distinção entre o paciente em que ele se encontra. No quadro 3, percebe-se que os componentes que estão associados a nomes (substantivos) encontrados a esquerda, encontram-se com a transitividade de individuação mais alta do que os componentes da direita, sendo estes parcialmente individuados.

Ainda no quadro 3, dentre os critérios associados aos elementos de individuação e não individuação, destacamos as propriedades semânticas de animado e inanimado; e o traço humano/ não humano.

Todos os parâmetros apresentados aqui, são fundamentais para medir o grau de transitividade das orações numa escala maior ou menor de acordo com a manifestação observada na análise. Seguindo esta proposta, entende-se por oração mais alta na escala transitiva aquela que apresentar os dez traços marcados nos traços mais positivo desta escala.

## 2.2 Os papéis temáticos

Segundo Goldberg (1995), além das informações contextuais veiculadas pelos papéis participantes existem outras informações mais gerais, que não estão diretamente ligadas aos aspectos imediatos do evento, mas que podem, de algum modo, entrar em ação na produção e na interpretação da cláusula. Os elementos que veiculam essas informações são chamados por ele de *componentes da cena*. Esses componentes podem ser de dois tipos: os papéis participantes (ou em termos de construção argumental, costumam corresponder a papéis temáticos); e, os dados adjacentes (não se traduzem em termos argumentais, mas compõem a cena exprimindo circunstâncias, etc).

Por papéis temáticos concebemos as relações semânticas de predicado-argumentos propostos por Fillmore (1968) que também são conhecidos como “papéis de caso” (CROFT, 1991). Atribuem-se a Fillmore (1968) os primeiros trabalhos a colocar em destaque a questão das relações temáticas existentes entre o verbo principal e seus argumentos. As teorias que se seguiram sobre o tema, conservaram do modelo de Fillmore três traços significantes:

- 1) Papéis temáticos (de caso) são definidos como primitivos semânticos (isto é, são semanticamente não-analisáveis).
- 2) Papéis temáticos são definidos independentemente da semântica do verbo, que é também não-analisável).
- 3) Há apenas um pequeno número finito de papéis temáticos.

Uma noção mais simples para o assunto é proposta por Ilari (2005), para o autor:

Uma boa maneira de entender as sentenças da língua consiste em imaginar que elas representam “pequenas cenas” nas quais diferentes personagens desempenham papéis necessários ao enredo (como no teatro). Estes papéis são determinados pelo verbo, e são mais ou menos fixos, isto é, têm um funcionamento até certo ponto independente das relações de concordância, regência e colocação, tradicionalmente descritas nas gramáticas.

Assim, basta identificar que papel semântico cada argumento desempenha numa determinada construção e como estes se relacionam para se chegar ao papel temático de cada argumento. Para Cançado (2005) há uma ampla divergência entre os linguístas quanto a sua caracterização. Assim, o papel de agente para alguns, pode ter a função de praticar a ação através de um ser animado que será responsável pelo desencadeamento dos processos; já para outros, o mesmo papel pode ser o de controlar da ação deste elemento e, assim, sucessivamente. A seguir apresentaremos um quadro demonstrativo adaptado a partir da lista elaborada por Cançado (2005) “mais geral e abrangente de papéis temáticos”.

PAPEL TEMÁTICO	FUNÇÃO	EXEMPLO
a) Agente	o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle.	<i>João</i> quebrou o vaso com um martelo. <i>Maria</i> correu.
b) Causa	o desencadeador de alguma ação, sem controle.	<i>As provas</i> preocupam <i>Maria</i> . <i>O sol</i> queimou a plantação.
c) Instrumento	o meio pelo qual a ação é desencadeada.	<i>João</i> colou o vaso com <i>cola</i> .
d) Paciente	a entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado.	<i>João</i> quebrou <i>o vaso</i> . O acidente machucou <i>Maria</i> . <i>O vaso</i> quebrou.
e) Tema	a entidade deslocada por uma ação.	<i>João</i> jogou a <i>bola</i> para <i>Maria</i> . <i>A bola</i> atingiu o alvo.
f) Experienciador	ser animado que mudou ou está em determinado estado mental.	<i>João</i> pensou em <i>Maria</i> . <i>João</i> viu um pássaro. <i>João</i> ama <i>Maria</i> .
g) Beneficiário	a entidade que é beneficiada pela ação descrita.	<i>João</i> pagou <i>Maria</i> . <i>João</i> deu um presente para <i>Maria</i> .
h) Objetivo (ou Objeto Estativo)	a entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo, ou seja afetado por algo.	<i>João</i> leu um <i>livro</i> . <i>João</i> ama <i>Maria</i> .
i) Locativo	o lugar em que algo está situado ou acontece.	Eu nasci em <i>Belo Horizonte</i> . O show aconteceu no <i>teatro</i> .
j) Alvo	a entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico.	<i>Sara</i> jogou a bola para o <i>policia</i> . <i>João</i> contou piadas para <i>seus amigos</i> .
l) Fonte	a entidade de onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico.	<i>João</i> voltou de <i>Paris</i> . <i>João</i> atirou aquela idéia do <i>artigo do Chomsky</i> .

### 3 Nem isto nem aquilo!

Na asserção de Camacho (2003), um dos traços semânticos que parece caracterizar a medialidade em português é o fato de o sujeito ser afetado por uma ação verbal não intencional ou voluntária. Nesse caso, sujeito ser afetado ou não-afetado será a linha divisória entre uma construção ativa e uma medial. No exemplo a seguir, o papel temático do sujeito é paciente (não agentivo, não intencional, afetado e concreto). Ainda, numa construção medial não se distingue dois papéis participantes. Pois a ação que expressa funde

parcialmente os papéis temáticos participantes, de modo que não há expectativa da existência de dois papéis desempenhados por entidades diferentes, mas que apenas uma entidade está envolvida na ação. Nessa perspectiva, este exemplo ilustra uma construção medial.

... se um ganhasse uma coisa era todo mundo ... pra todo mundo ... **passou-se o domingo** ... aí na segunda a gente sempre se acordava ... era um galo que despertava a gente ... era um despertador o galo era um dos componentes né ... do grupo ... ele imitava direitinho um galo ... (Glislaine, Ensino Superior, Narrativa de experiência pessoal, fala).

Temos nessa construção um sujeito paciente deslocado, ou seja, na ordem inversa Verbo+Sujeito. O paciente é – concreto, -animado e – humano, logo não tem meios de desempenhar o papel de agente da ação verbal indicada “passar”. Apesar da forma ser ativa, a semântica não revela dinâmica cuja fonte seja o sujeito.

... a massa fica dura demais ... aí eu boto pra pré-cozer as duas ... e o ideal seria colocar num plástico que num entrasse ar né? Pra colocar na geladeira né? no *freezer* não ... só se fosse a temperatura um pouco alta ... muito baixa não porque fica também ... **ela Ø congela** e num presta não ... (Carlos, Ensino superior, relato de procedimento, fala)

No exemplo anterior, o sujeito da ação surge a partir de uma retomada anafórica. O sujeito não pode desempenhar ação alguma, pois suas características são de um ser não-humano, não animado, concreto. E, apesar da estrutura formal ativa, não há atividade por parte do sujeito temático.

Na perspectiva de Kemmer (1998, p. 101), este exemplo sinaliza uma construção reflexiva prototípica. Considerando que marca um caso inesperado em que dois papéis temáticos distintos são preenchidos pela mesma entidade. Além disso, ocorrem com verbos de ação pessoal e o papel do sujeito é agente. Como ilustra este dado a seguir:

... um corinho ... bem acelerado que a gente num tinha condições de ficar mais deitada né ... **a gente se levantava** né ... cada um tinha hora também determinada pra ir ao banheiro ... né fazer suas necessidades ... ... (Glislaine, Ensino Superior, Narrativa de experiência pessoal, fala)

Já a construção ativa prototípica pode ser representada por uma estrutura argumental que exija dois papéis distintos e duas entidades diferentes nesses papéis. Uma entidade agente e intencional, um evento de ação pontual e um paciente afetado. Como no exemplo:

... cada um tinha a oportunidade de falar alguma coisa ... depois disso **nós fizemos um círculo** e todos começamos a cantar à noite né ... ... (Glislaine, Ensino Superior, Narrativa de experiência pessoal, fala).

A amostra seguinte exemplifica uma construção prototipicamente passiva, em que há um argumento externo com o papel temático de paciente e um argumento interno agente da ação expressa pelo verbo.

eu tinha medo num sei por que ... aí fiquei nisso aí né ... todo e todo final de semana eu via o ... o ... meus parentes né ... só de longe né ... a ... a sorte é que **fui bem ... bem atendido tanto pelo médico como as enfermeira** ... lá tinha enfermeira até que eu ... gostei muito né ... dela ... e a ... a empregada também ... depois de um certo tempo ... eu num me lembro quantos ... quantos mês ela tava de ... de ... de gravidez ... (Carlos, Ensino Superior, Narrativa de Experiência, fala)

#### 4 Considerações finais

As formas de construções disponíveis na gramática são fatores que determinam a seleção dos papéis temáticos de sujeito e objeto. Assim, esses papéis são definidos pelo tipo de causação, que é determinada pela semântica verbal. Nas amostras analisadas com base em critérios semântico-discursivo, vimos que as construções mediais exigem obrigatoriamente apenas o argumento externo cujo papel temático sempre será de experienciador/ paciente/ beneficiário ou tema.

Assim sugerimos que se inclua o critério semântico-discursivo nas atividades de análises da língua voltadas para a sala de aula do ensino básico. Para que o aluno possa perceber uma maior coerência entre a forma e a função, de modo, que o ensino será mais produtivo.

De maneira que o ensino-aprendizagem de língua portuguesa não pode apenas trabalhar com critérios formais sem intenção de uso prático, funcional e diretamente relacionado com o mundo. Mas, deve estar motivado pela utilização que o falante faz da língua em situações reais, dando ênfase aos critérios semântico-morfossintáticos, pragmáticos e cognitivos, ou seja, um ensino voltado para a Gramática de Construções.

É importante ainda que o docente que atua no ensino-aprendizagem do ensino básico adote uma nova perspectiva teórica que se encontre embasada nas teorias mais recentes da linguagem e que considere as sugestões dos documentos oficiais do MEC (BRASIL, 2008; BRASIL, 1997) no tocante às aulas de língua portuguesa.

### Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o Ensino Médio: linguagens códigos e suas tecnologias.** Brasília. Secretaria de Educação Básica, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Brasília. Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.
- CROFT, William. **Syntactic Categories and Grammatical Relations: the cognitive organization of information.** Chicago: University of Chicago, 1991.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; NOGUEIRA, Márcia Teixeira. **Cognição e gramática.** In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso; FARIAS, Emília Maria Peixoto. **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos.** Caxias do SUL/ RS: EDUCS, 2008.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. **Funcionalismo e Ensino de gramática.** Natal: EDUFRN, 2007.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Org.). **Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade de Natal.** Natal: EDUFRN, 1998.
- GOLDBERG, Adele E. **Constructions at work: the nature of generalization in language.** Oxford/ New York: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, Adele E. **Argument realization: the of constructions, lexical, semantics and discourse factors.** In: ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjan. **The cognitive grounding of Construction Grammar.** Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.
- HEYVAERT, Liesbet. **Theoretical assumptions.** In: HEYVAERT, Liesbet. **A cognitive-functional approach to nominalization in english.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras.** São Paulo: Contexto, 2003.
- KEMMER, Suzanne. **Human cognition and the elaboration of events: some universal conceptual categories.** In: TOMASELLO, Michael (Ed.) **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure.** v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.
- MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Orgs). **Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora da UNESP, 2000.